

Medo, horror e um corpo (de)colonial no conto *Lorena*, de María Fernanda Ampuero

Fabianna Simão Bellizzi Carneiro¹

Resumo: A temática deste trabalho comporta a violência doméstica, as leituras pós-coloniais revistas na decolonialidade e como tais são abordados na escrita literária. Parte-se do pressuposto de que a violência contra as mulheres, em países que guardam as marcas da colonização, mantém a acepção da crueldade colonial. Destaca-se o conto *Lorena*, que compõe a coletânea *Sacrifícios humanos* (2022), da equatoriana María Fernanda Ampuero (1976), pelo fato de apresentar a história de uma moça latino-americana, que se casa com um mexicano, e a partir de então fica à mercê de um cenário doméstico de horror e medo. Objetiva-se a comprovação da hipótese a partir de leituras sobre a decolonialidade, conceito que ultrapassa os estudos sobre pós-colonialismo pelo fato de tensionar as concepções epistêmicas coloniais que ainda se mantêm. O referencial teórico perfaz um entendimento histórico sobre corpos femininos subjugados, com texto de Gerda Lerner (2019); aborda leituras de Susana de Castro (2020) e José Carlos Gomes dos Anjos (2023) como apoio para se entender decolonialidade e feminino; Noël Carroll (1999) para uma abordagem da estética do horror na literatura, além de outros devidamente referenciados.

Palavras-chave: Horror; Corpo feminino; Decolonialidade; Literatura latino-americana.

Notas introdutórias

A ‘missão civilizatória’ colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (Lugones, 2014, p. 938).

Das inúmeras agruras que ocorreram e ainda se mantêm na América Latina, como o passado exploratório, diferenças sociais e econômicas, corrupção, regimes ditatoriais, narcotráfico, seleciono para este trabalho um tema de igual urgência e crueldade: a violência contra mulheres. Nos países da América do Sul e Central, corpos femininos estiveram à mercê de europeus colonizadores; depois passaram pelo poder patriarcal e imperialista; foram moldados pelos preceitos burgueses e republicanos; atravessaram períodos de extrema autoridade ditatorial ao longo do século XX e chegam até os dias de hoje ainda sofrendo as

¹ Professora na Universidade Federal de Catalão. Doutora em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com pós-doutoramento pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás. Graduada em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-8600-2765>. E-mail: fabianna_bellizzi_carneiro@ufcat.edu.br.

peias de uma história perversa e misógina. Tal não seria possível se dois elementos não estivessem profundamente entrelaçados: o discurso de inferioridade aliado ao discurso do medo. Encerramos o primeiro cartel do século XXI ainda com índices de feminicídio e violência doméstica. Milhares de mulheres continuam se calando, recalçando seus medos e ainda alimentando incertezas frente a um cenário de submissão e desigualdades. Isso vai ao encontro da ideia de corpo feminino decolonial, afinal se o conceito de decolonialidade busca dismantlar as estruturas e os legados do colonialismo e do imperialismo por meio de abordagens envolvendo questões étnico-raciais, política, cultura e artes, como não iniciar as discussões a partir do corpo?

Este trabalho, portanto, objetiva uma leitura crítico-analítica do conto *Lorena*, que compõe a coletânea *Sacrifícios Humanos* (2022), de María Fernanda Ampuero (1976), de forma a ressaltar o papel da escrita de autoria feminina como meio capaz de criticar e expor as estruturas de poder que durante anos afetaram e ainda afetam a vida de muitas mulheres. Os argumentos provêm da seguinte hipótese: temas fraturantes como medo, horror, abalos psíquicos podem suscitar tanto nas personagens, como em nós, leitoras e leitores, importantes questionamentos a ponto de fazerem com que a sociedade ao menos reflita sobre gênero, raça e colonialismo, o que já se configura como importante ação: a reflexão. Quanto à produção de María Fernanda Ampuero, vê-se que ao engajar leitoras e leitores em histórias que exploram essas temáticas, a autora promove a conscientização e o debate crítico sobre as injustiças passadas e presentes.

As discussões levantadas neste trabalho partirão de questionamentos do tipo: por que abordar algo tão complexo como violência contra mulheres no texto ficcional, de forma a se decantar reflexões a respeito de um assunto que não se esgota e que precisa ter o devido tratamento? Acredita-se que obras literárias que abordam o assunto podem inspirar novos olhares, afinal através de personagens e narrativas de horror, os leitores podem entender melhor a dor, a resiliência e os dissabores enfrentados pelas vítimas, conforme a seguir atestaremos.

Percurso teórico-analítico

Começo este texto pelo campo da lexicologia uma vez que não se trata, apenas, de um prefixo de negação. Descolonização e decolonialidade são conceitos que se aproximam uma

vez que ambos se centram em dismantelar a triste herança do colonialismo e buscam novas formas de se pensar sociedades que foram dominadas pelo poderio colonial, no entanto a decolonialidade ultrapassa a ideia do pós-colonial ou descolonial. Vê-se um conceito mais amplo e que perscruta de forma mais profunda as estruturas de poder que (ainda) persistem mesmo após o final do colonialismo. Conforme explica Costa Neto (2016, p. 51),

Nesse tocante o pensamento decolonial propõe romper com os pensamentos gravados nas mentes e corpos por gerações da América Latina, porém, marginalizados sócio-políticos e sujeitos na busca romper com a genealogia do pensamento fundado apenas no grego, no latim, consequentemente, incluir o pensamento dos povos originários (índios) e de diáspora forçada (negros).

Concorde com Costa Neto (2016), observa José Carlos Gomes dos Anjos (2023) que a ideia de decolonialidade é concebida nas ruas, nos movimentos negros e indígenas. Antes, na década de 30 do século XX, quando se tem um movimento de descolonização africano e asiático (na América Latina o processo de inicia no século XIX), nota-se uma espécie de deslocamento da colonização europeia, ou seja: “um movimento de substituição das autoridades políticas europeias por autoridades políticas dos territórios outrora colonizados” (Anjos, 2023), ao passo que a decolonialidade se refere a outro processo de luta. Anjos (2023) defende que não se trata da substituição de um termo por outro, uma vez que o conceito de decolonialidade aprofunda e tensiona algo que sempre acompanhou a história de países colonizados e que não se libertaram das dimensões coloniais mesmo com a independência:

Essas dimensões fiam estampadas nas desigualdades de raça e da supremacia branca persistente nos países que outrora foram colonizados – o planeta a nível mundial. A expansão europeia no século XV impôs aos povos não-europeus um processo de colonização e, depois, com a descolonização dos países, o conceito de raça – que foi o principal vetor do processo de colonização – permaneceu funcionando como garantidor de uma supremacia branca, que se articula muito estritamente a conformações de gênero, ao patriarcalismo e a exploração capitalista dos recursos naturais (Anjos, 2023).

A decolonialidade carrega em seu cerne o questionamento: questiona-se a hegemonia do conhecimento ocidental e eurocêntrico; subvertem-se conceitos deterministas e raciais; valorizam-se saberes, culturas e epistemologias locais, periféricas, não-canonizadas, ou seja, somos convocados a repensarmos histórias extra-muros escolares e acadêmicos de maneira a

incluirmos perspectivas às margens. Em suma: a decolonialidade nos leva a uma espécie de revisão e até mesmo desconstrução de discursos arraigados e perpetuados ao longo de séculos, e aqui destacamos as teses envolvendo o discurso patriarcal e por conseguinte a abordagem de gênero. Antes, porém, se faz necessário um percurso histórico.

Cita Gerda Lerner (2019) que a criação do patriarcado é uma construção histórica que levou quase 2.500 anos até se concluir, tendo se iniciado com o desenvolvimento da agricultura do Período Neolítico, que fomentou a “troca de mulheres” entre diferentes comunidades não apenas como forma de se evitar conflitos matrimoniais, mas também porque sociedades com mais mulheres poderiam gerar mais filhos e estes aumentariam a produção, afinal:

[...] ‘[h]omens como grupo’ tinham direitos sobre as mulheres que as ‘mulheres como grupo’ não tinham sobre os homens. As próprias mulheres tornaram-se um recurso adquirido por homens tanto quanto as terras adquiridas por eles (Lerner, 2019, p. 262).

Nesse período, surge a ideia da “compra” de mulheres para mão-de-obra e escravização sexual, quando os maridos eram mortos e os filhos entregues aos homens das comunidades conquistadoras.

É no segundo milênio a.C. que se inicia o “comércio” de mulheres de famílias pobres para casamento ou prostituição como forma de auxílio econômico, acentuando ainda mais a ideia de controle sexual e corporal: “[o] primeiro papel social da mulher definido pelo gênero foi ser trocada em transações de casamento. O papel de gênero oposto do homem foi ser aquele que executava a troca ou que definia os termos das trocas” (Lerner, 2019, p. 263), ou seja, ainda que existissem homens oprimidos, escravizados e mortos, as mulheres ainda estavam em larga desvantagem. Esse *ethos* (que instituiu a exploração sexual feminina, econômica e psicológica) perpetua-se ao longo das sociedades mesopotâmicas, atravessa a Antiguidade, o período medieval e se estende “nas complexas relações de sexo/raça entre mulheres dos países colonizados e seus colonizadores homens – é onipresente e disseminada. Para as mulheres, exploração sexual é a própria marca da exploração de classe” (Lerner, 2019, p. 264). Tal organicidade se consubstanciou de forma tão perniciosa, a ponto de ainda creditarem às mulheres “respeito” por conta de seu comportamento sexual, ou seja, as que se afastam das normas impostas são rebaixadas, principalmente nos países subdesenvolvidos, de acordo com Gerda Lerner (2019).

Nota-se, então, que há séculos se alimenta a ideia do corpo feminino “servindo” ora como mercadoria lucrativa, ora como poder reprodutivo a “gerar frutos” que também serão comercializados. Indubitavelmente, essa lesiva conjuração não seria possível sem o controle e dominação masculina representada por figuras como reis, clérigos, exploradores e colonizadores, bem como excessivo paternalismo, dominação, proteção marital, além de práticas discursivas que elegem as “boas” mulheres como aquelas que cooperam com seus pares, que aceitam restrições. Há milênios vemos o que hoje nomeamos como sociedade patriarcal.

Trazendo essas considerações para a leitura do conto *Lorena* (2022), percebe-se que a violência de gênero sofrida pela personagem homônima ao conto, deflagra fatores sociais relacionados ao colonialismo, levando-nos a pensar sobre o corpo (de)colonial da personagem principal.

Em linhas gerais, o conto narra o encontro entre Lorena e John – ela, latino-americana (não sabemos exatamente o país) e ele, norte-americano, oriundo do México. Lorena é apresentada ao rapaz por intermédio de Angelita. Os dois se se apaixonam, rapidamente se casam e logo após o enlace começam as agressões físicas e psicológicas contra Lorena. São as fortes cenas de agressão que compõem boa parte do conto.

Tal como em nossa realidade empírica, na qual os casos que envolvem agressão doméstica se iniciam com a esposa pontuando que o companheiro não era agressivo quando se conheceram, também no conto em análise a personagem Lorena, narradora autodiegética, começa sua fala de forma leve e casual, dizendo que seria apresentada a John, um gringo – “O cara é gringo e eu gosto de gringos. Sim. Eu gosto que eles cheirem a sabonete Pears e a sabão em pó e nada mais, eu gosto que eles tenham aqueles dentes tão brancos e perfeitos” (Ampuero, 2022, p. 111). A moça se arruma e se maquia com um “batom brilhante” na intenção de ganhar ao menos uns beijos do rapaz, não obstante o encontro fosse frustrante.

Ainda no campo da descontração e de forma jocosa, a narradora cita que irão a um restaurante mexicano, “porque os gringos, digam o que digam, acham que somos todos mexicanos e que nos sentimos em casa e que, como comida mexicana, nós ficamos quentes. *You sexy mama*” (Ampuero, 2022, p. 111, grifo da autora), marcando dessa forma as inúmeras passagens que se estenderão ao longo da narrativa e que sinalizam as “metáforas da colonização” (Bonnici, 2003). No altar, quando os dois se casam, a família de John mostra-se desfavorável à união: “John e eu nos casamos numa cerimônia à qual compareceram poucos

amigos. Sua família não concorda que ele se case com uma latina quase desconhecida, manicure, uma imigrante *my god*, mas ele não dá a mínima” (Ampuero, 2022, p. 112, grifo da autora).

Para além da problemática envolvendo posições geográficas, afinal países tidos como mais desenvolvidos tendem a menosprezar países que não estejam em um determinado padrão social, econômico e cultural – há também a abordagem de gênero, que por seu turno solidifica os argumentos preconceituosos e pejorativos: uma mulher latino-americana *versus* um homem norte-americano. Tal vai ao encontro dos estudos de Kathryn Woodward (2014), que ao cotejar algumas ideias sobre a guerra entre sérvios e croatas, identificou que o conflito não é apenas territorial ou econômico, como também uma guerra envolvendo identidades. Woodward (2014) aprofunda suas ideias ao discorrer sobre os símbolos e as posições militaristas na guerra. Questiona a pesquisadora qual a frequência com que a identidade nacional é marcada pelo gênero, afinal no caso da guerra Bósnia *versus* Sérvia,

[...] as identidades nacionais produzidas são masculinas e estão ligadas a concepções militaristas de masculinidade. As mulheres não fazem parte desse cenário, embora existam, obviamente, outras posições nacionais e étnicas que acomodam as mulheres (Woodward, 2014, p. 10).

Interessante notar que no conto de Ampuero, John sobe ao altar com seu uniforme militar, contrapondo Lorena, que se coloca de forma inferiorizada: “Uma garota como eu, que vende cosméticos de porta em porta, que faz a unha de mulheres endinheiradas, nunca pensar que os sonhos vão se tornar realidade” (Ampuero, 2022, p. 113). Na sequência, Lorena enfatiza: “Uma garota como eu sempre espera o pior” (Ampuero, 2022, p. 113).

Embora os estudos de Woodward (2014) tenham um endereçamento específico, nota-se que algumas acepções se aplicam à leitura do conto de Ampuero (2022) pelo fato de ressaltarem as dinâmicas que envolvem as posições de domínio, uma vez que os símbolos, aliados a uma fala excludente e de inferiorização, são uma forma de ratificarem o domínio de uma nação sobre outra – no caso específico do conto, um homem mexicano se sente na posição de poder, afinal “o poder não é apenas caracterizado por superioridade de força e capacidade de violência e intimidação, mas também possui um aspecto não material, marcado pela primazia de alguns em se colocarem como porta-vozes da narrativa a partir da qual a história de todos será contada” (Castro, 2020, p. 169).

O discurso de inferioridade se inicia de forma sutil – primeiro a família é contra o casamento com uma moça latina. Depois, já casados, John começa a demonstrar sua ira – quando Lorena se esquece de comprar as cervejas, por exemplo, e o rapaz a joga contra a parede, cospe nela e a chama de “latina estúpida” (Ampuero, 2022, p. 113), e aí então se iniciam os relatos envolvendo a violência doméstica a qual Lorena é submetida. A efeméride das cervejas dá início a uma sequência de agressões físicas a ponto de Lorena se sentir sempre à espreita, atestando-se assim a violência psicológica na qual ela também se encontrava:

Aquele homem, que não é o homem que amo, fica como um espírito maligno que não sai de casa e te segue do banheiro para o quarto e depois para a sala de jantar. Como um fantasma, como um demônio, ele não vai embora (Ampuero, 2022, p. 114).

Após esse fluxo de consciência, quando Lorena relata o medo que sente na presença do marido, envolvendo assim o leitor implícito em seus conflitos internos, temos um diálogo no qual John passa a atacar Lorena em sua identidade, o que não apenas reforça as colocações acima de Woodward (2014), como também nos faz retomar as discussões sobre o corpo feminino (de)colonial aventadas em parágrafos anteriores neste trabalho, conforme se nota no excerto abaixo:

Cada vez que falo com John, ele me imita e a voz que faz é a de uma pessoa com problemas mentais. Você fala assim, ele ri, você fala como uma retardada. Eu respondo a ele, digo-lhe que experimente tentar falar outra língua, ser estrangeiro. Ele dá um tapa na minha cara, põe sua mão grande no meu pescoço, me diz que nunca será um estrangeiro, porque nós, estrangeiros, somos uns perdedores e que, se eu voltar a responder, ele vai me bater até que eu tenha de andar numa cadeira de rodas.

Eu paro de falar. Cada vez que tenho de lhe dizer algo, treino dez vezes na cabeça e, quando a frase sai da minha boca, parece a voz enlatada de uma professora de idiomas. Ele ri ainda mais. Você é uma vergonha, diz ele, parece um animal amestrado, e você é muito feia, como é que eu fui me casar com você? Se não fosse por mim, ele diz, você estaria se vendendo nas ruas, como todas as putas latinas neste país. Vou fazer com que te deportem, você não é nada, você é um lixo (Ampuero, 2022, p. 114).

A passagem acima reforça algo que foi perpetuado por anos nas escolas e nos livros de história da América Latina, que pontuavam a importância do colonizador europeu como o arauto da cultura, língua e modernidade para o “Novo Mundo”, apagando-se por completo não apenas a história pré-existente dos povos nativos latino-americanos, bem como a contribuição

trazida pelas populações africanas. Ademais, o apagamento e o genocídio não seriam possíveis se não houvesse a construção de discursos e pensamentos preconceituosos a julgarem povos ameríndios como próximos da natureza e do corpo – “menos racionais” – em oposição ao europeu menos corpóreo, portanto “mais racional” (Castro, 2020). Mesmo com o fim do período colonial e independência das colônias, o pensamento epistêmico colonial se manteve: “Até hoje nas ex-colônias ibéricas da América Latina há uma prevalência dos valores ocidentais europeus em detrimento das culturas indígenas ou de matriz africana” (Castro, 2020, p. 172).

Indubitavelmente, ao trazermos o pensamento colonial (que relaciona povos ameríndios à natureza) para as relações entre homens colonizados e mulheres colonizadas, a dicotomia se faz de maneira mais perversa (Castro, 2020). Nas colônias, em especial na América Latina, a mão do colonizador teve um peso maior sobre as mulheres. “Gerações de europeus se convenciam de sua superioridade cultural e intelectual [...]; gerações de homens, praticamente de qualquer origem, tomavam como fato indiscutível a inferioridade das mulheres” (Bonnici, 2003, p. 205).

John, ao ridicularizar a fala de Lorena, reproduz o pensamento colonial ao relacionar sua esposa ao barbarismo, afinal o discurso eurocêntrico, que legitimou o controle europeu aos espaços sob seu domínio, assim o fez por meio de construções negativas (Bonnici, 2003). John viola sua esposa em todas as instâncias – sexual, corporal, psicológica, cultural e até linguística, reforçando as palavras de Du Pleiss (1985 *apud* Bonnici, 2003, p. 213): “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia”. Tal explica o porquê de em várias histórias as mulheres aparecem como relegadas ao silêncio, à dupla escravidão, à violência masculina ou ao serviço do homem. Prevalece, também, a visão erotizada das mulheres latinas, cujos corpos seriam espaços de desejo e dominação, refletindo igualmente uma perspectiva colonialista. Há uma passagem no conto que semiotiza esse domínio:

Uma mulher que jurou amar alguém diante dos seus amigos e diante de deus não deveria lavar os lençóis ensanguentados da cama de casal depois que seu marido lhe rompe todos os orifícios. Uma mulher apaixonada não deveria ter que desinfetar feridas íntimas (Ampuero, 2022, p. 114).

Isso nos remete à forma como o colonizador violava a terra e os povos nativos, quando os recursos naturais foram extraídos sem respeito pela integridade e autonomia da região. O corpo da mulher, assim como a terra, é invadido, explorado e utilizado para o benefício do

colonizador. Essa acepção, levada pelos europeus para as colônias e perpetuada ao longo do período colonial, passando pelo imperial e se estendendo até os dias atuais, preconiza que desde cedo as mulheres da colônia deveriam viver sob constante obediência e adestramento, a começar pelo corpo:

Juíza da sexualidade masculina, a mulher era ainda estigmatizada com a pecha da insaciabilidade. Seu sexo assemelhava-se a uma voragem, um rodaminho a sugar desejos e fraquezas masculinos. Unindo, portanto, o horrendo e o fascinante, a atitude ameaçadora da mulher obrigava o homem a adestrá-la. Seria impossível conviver impunemente com tanto perigo, com tal demônio em forma de gente (Del Priore, 1993, p. 35).

Os parágrafos finais do conto retomam o antigo e pungente enlace entre a repressão sexual e a religião. Lorena começa a demonstrar cansaço (por conta da violência à qual estava submetida) e frustração por não conseguir manter seu casamento, atribuindo para si própria uma culpa que não era dela, o que também é muito comum nas sociedades patriarcais. Ela chega a pensar no divórcio, porém desiste da ideia posto que não queria que tivessem raiva do marido. Lorena também teme que cheguem aos ouvidos de sua família notícias de mulheres que ela tanto ouviu várias vezes, “aquelas com maridos alcóolicos e violentos que suportam os espancamentos, porque mesmo que batam, mesmo que matem, é seu marido [...]” (Ampuero, 2022, p. 115). Lorena não se divorcia pois teme ser vista como uma “pecadora” (Ampuero, 2022, p. 115). E o pecado, conforme acreditam algumas religiões, tem forte ligação com o corpo e com tudo que se faz corpóreo, a começar pelo sexo, afinal se as pessoas são feitas à imagem do criador, como atribuir-lhes corporeidade? Isso as afasta de Deus, ratificando assim as palavras de Marilena Chauí (1984, p. 87) ao inquirir sobre o pecado original, visto pelos cristãos como uma queda: “separar-se de Deus, descobrir a morte e a dor, conhecer a carência e a falta”.

Lorena, então, suporta toda a dor como se estivesse em uma espécie de transe rumo à santificação, o que é muito comum em sociedades forjadas à base da culpa e do pecado, tal como as sociedades patriarcais. Por fim, a narrativa reforça ainda mais o horror, que já se manifestara de forma sutil, e aqui algumas considerações a respeito desse tipo de escrita merecem ser levantadas.

No texto *Do sobrenatural na poesia*, de Ann Radcliffe (2019)² há uma passagem que cita que “[t]error e horror são tão opostos que o primeiro expande a alma, e desperta as faculdades a um grau elevado de vida. O outro as contrai, congela e quase as aniquila”. Em termos estéticos, tanto o horror quanto o terror causam sensações parecidas no leitor, como desconforto, inquietação, asco, medo, ojeriza, ou seja, há uma espécie de desestabilização psíquica e que causa um profundo incômodo. Ambos também são subjetivos, no entanto, há um certo refinamento no terror que o afasta do horror, uma vez que este se apresenta de modo mais explícito e adensado, como se o horror fosse mais visceral e o terror mais psicológico.

Noël Carroll é ainda mais específico ao diferenciar o horror que sentimos no nosso dia-a-dia – “horror natural” e o “horror artístico”. O autor de *A filosofia do horror ou os paradoxos do coração* (1999) pontua que o “horror artístico” refere-se ao produto de um gênero que se cristalizou quando da publicação do romance *Frankenstein* e se estendeu até o século XX. Grande parte da pesquisa de Carroll (1999) repousa bases na figura do monstro – figura, por excelência – causador do horror. Tal entendimento se faz até mesmo por conta do momento cultural e social, posto que o ideal iluminista

[...] sobre o que abrange a realidade e sobre o que é superstição era amplamente errônea. Leitores e escritores da virada do século XVIII provavelmente não tinham uma visão efetiva da ciência nem aceitavam necessariamente tudo o que a ciência proclamava (Carroll, 1999, p. 81).

Trazendo as acepções de Radcliffe (2019) e os estudos de Carroll (1999) para o conto *Lorena* (2022), podemos de fato assinalar a estética do “horror artístico”, porém sem a existência de monstros ou figuras espectrais. Quem “congela e aniquila a alma” (Radcliffe, 2019) é o marido de Lorena, uma figura humana e infelizmente muito presente em vários lares pelo mundo, e aqui se destaca a escrita de María Fernanda Ampuero.

Nascida no ano de 1976, na cidade de Guayaquil, no Equador, Ampuero formou-se em jornalismo pela Universidade Católica Santiago de Guayaquil. Em 2004, a jornalista muda-se para a Espanha com a intenção de narrar a vida de equatorianos e acaba firmando-se no país. No ano de 2012, María Fernanda Ampuero é selecionada como uma das 100 personalidades latinas mais influentes da Espanha, tendo produções literárias publicadas em vários idiomas.

² Conto traduzido por Marcos Balieiro (2019) e publicado no *Prometeus Filosofia*, periódico da UFS. O conto original *On the Supernatural in Poetry* foi publicado em 1826 na *The New Monthly Magazine*.

Cita José Eduardo Landim (2023, *s/p*) que “Ampuero trabalha a partir de um realismo brutal”, sempre engajada em escancarar as estruturas sociais latino-americanas assentadas no patriarcalismo, machismo, misoginia e xenofobia. O conto *Lorena* (2022), assim como todos os contos do livro *Sacrifícios humanos* (2022), pauta-se por um tipo de escrita na qual o horror e a violência estão sempre a “cutucarem” feridas profundas, até mesmo por conta da vivência da escritora, afinal nascer e crescer em alguns locais passa, nas palavras de Ampuero (2022, *apud* Landim, 2023):

[...] pela necessidade de encarar a brutalidade presente na vida mais íntima e mais cotidiana, particularmente se você é uma jovem mulher, e ainda mais se você mora em uma grande cidade da América Latina em que violência está muito menos escondida.

Ademais, nas histórias da coletânea *Sacrifícios humanos* (2022), tem-se uma espécie de horror em constante decantação, onde a qualquer momento algo muito grotesco irromperá não exatamente para assustar o leitor, mas para trazer importantes críticas e denúncias.

É exatamente essa escrita atenta aos “sacrifícios humanos” – no caso do conto *Lorena*, aos sacrifícios de uma mulher violada e violentada, que nos leva ao título deste trabalho: o corpo (de)colonial. Lorena metaforiza a organicidade colonial na medida em que seu corpo se presta às piores excrescências e sujeições advindas de seu marido – podendo aqui ser lido como o colonizador. Nesse sentido, o corpo de Lorena é um corpo colonial que relê a hierarquia masculina/feminina. As últimas passagens do conto reforçam essa posição quando John passa a agredir Lorena na frente de outras pessoas, a ponto de quase matá-la, e as pessoas não a acodem: “As pessoas no estacionamento o veem e o escutam. As palavras vadia, porca, nojenta, suja flutuam ao nosso redor como flechas de néon. Ele, um homem enorme, me dá um soco na cara e me joga no chão. Ninguém se aproxima” (Ampuero, 2022, p. 115).

No último parágrafo, Lorena finalmente consegue tomar uma decisão. Sangrando por causa da violência sexual que sofrera, ela espera John dormir e se dirige até a cozinha, quando então retorna para o quarto com uma faca na mão, insinuando que atentaria contra a vida do esposo. Essa é a última ação do conto, e que fornece o devido tom de tragédia e desespero de uma moça insegura em um país que não é seu, sofrendo violência de gênero, hostilizada pela família do marido, evidenciando assim a posição de uma mulher sem alternativas e sem apoio familiar e governamental.

Quanto à decolonialidade, podemos dizer que a própria escrita de María Fernanda Ampuero suscita tal movimento, ao trazer uma história que consegue questionar a sociedade e o sistema que falharam em proteger a protagonista. Sob esse viés, ousa afirmar que a produção de Ampuero cumpre um papel político ao se aproximar da fala de Rita Schimidt (2016, p. 364) ao analisar as estratégias de desconstrução da figura feminina em determinados textos literários, que “desessencializam” certos dualismos cultivados pela cultura ocidental, “particularmente a naturalização do corpo como matéria sem substância, uma pura exterioridade, assujeitada ao constructo simbólico da ‘mulher natural’ predicado na capacidade gerativa”.

O conto *Lorena* (2022) desessencializa (Schimidt, 2016) a antiga dicotomia corpo *versus* natureza ao exibir a brutalidade de um corpo violentado, fruto de uma sociedade patriarcal e racista e que insiste em agredir e atribuir limites à existência de “corpos decoloniais”.

Considerações finais

Iniciei este artigo a partir de um entendimento do termo decolonialidade e a importância de mantê-lo conectado às discussões de gênero e étnico-raciais. Ao contrário do termo pós-colonial, que sob certos aspectos mantém a lógica exploratória, a decolonialidade desnuda as camadas institucionais da empresa colonial. Foi exatamente esse empreendimento europeu que trouxe para os países colonizados a ideia de superioridade étnica e de gênero.

Assim, pode-se comprovar a hipótese inicial ao se atestar que, quando se imanam os estudos sobre decolonialidade à violência de gênero, podemos fomentar uma análise crítica das estruturas de poder mais atenta às clivagens e desigualdades entre as mulheres, conforme observa Françoise Vergès (2020) sobre feminismo decolonial. Embora o texto ficcional não consiga alterar essa perversa dinâmica de violência de gênero, ao menos possibilita trazer vozes às margens, questionar a hegemonia cultural, por em “xeque” a objetificação das mulheres que ainda são violadas como ferramentas de controle e opressão, tal como era feito nas colônias.

A escrita de María Fernanda Ampuero instiga suas leitoras e seus leitores a refletirem sobre um sistema violento que se expandiu por séculos na América Latina e que ainda se mantém. Lorena, uma jovem manicure, latina, imigrante, reatualiza um entendimento sobre violência de gênero que se escamoteia em muitos lares latino-americanos. Ao trazer à tona essas

realidades ocultas, a literatura cumpre um papel até mesmo social ao dismantelar a ideia de que a violência doméstica, embora ocorra em um espaço privado, é um assunto que envolve toda a sociedade.

Referências

ANJOS, J. C. G. O que é decolonialidade? Uma conversa sobre o conceito e a origem afro-indígena do termo. Entrevista cedida a Ana Ortega. *Nonada Jornalismo*, [s. l.], 2023. Não paginado. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2023/09/o-que-e-decolonialidade-uma-conversa-sobre-o-conceito-e-a-origem-afro-indigena-do-termo/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária*. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003. p. 205-221.

CARROLL, N. *A filosofia do horror ou os paradoxos do coração*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1999.

CASTRO, S. de. Condescendência: estratégia pater-colonial de poder. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 169-183.

CHAUÍ, M. de S. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

COSTA NETO, A. G. da. A Denúncia de Cesáire ao Pensamento Decolonial. *Revista EIXO*, Brasília, DF, v. 5, n. 2, p. 46-54, 2016.

DEL PRIORE, M. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LANDIM, J. E. Os muitos nomes da violência: Contos de “Sacrifícios humanos”, de María Fernanda Ampuero, canalizam o medo que nos cerca a todos. *Revista Rascunho*, Rio de Janeiro, 2023. Não paginado. Disponível em: <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/os-muitos-nomes-da-violencia/> Acesso em: 7 ago. 2024.

LERNER, G. A criação do patriarcado. In: LERNER, G. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução: Luiza Cellera. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 261-280.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução: Juliana Watson e Tatiana Nascimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

RADCLIFFE, A. Do sobrenatural na poesia. Tradução: Marcos Balieiro. *Prometheus: Journal of Philosophy*, [s. l.], v. 11, n. 31, p. 253-267, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.2176-5960.pro.v11i31.12716>. Acesso em: 19 dez. 2024.

SCHIMIDT, R. T. Para além do dualismo natureza/cultura: ficções do corpo feminino. In: RODRIGUES, C.; BORGES, L.; RAMOS, T. R. O. (org.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 343-368.

VERGÈS, F. *Um feminismo decolonial*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-20.

Fear, horror and a (de)colonial body in the tale *Lorena*, by María Fernanda Ampuero

Abstract: The theme of this work comprises domestic violence, the post-colonial readings reviewed in decoloniality and how these are approached in literary writing. It is based on the assumption that violence against women in countries that bear the marks of colonization retains the sense of colonial cruelty. The short story *Lorena*, which is part of the collection *Human Sacrifices* (2022), by Ecuadorian María Fernanda Ampuero (1976), stands out because it tells the story of a Latin American girl who marries a Mexican and from then on is at the mercy of a domestic scenario of horror and fear. The aim is to prove the hypothesis by reading about decoloniality, a concept that goes beyond post-colonial studies because it puts a strain on the colonial epistemic conceptions that still exist. The theoretical framework provides a historical understanding of subjugated female bodies, with a text by Gerda Lerner (2019); it addresses readings by Susana de Castro (2020) and José Carlos Gomes dos Anjos (2023) as support for understanding decoloniality and the feminine; Noël Carroll (1999) for an approach to the aesthetics of horror in literature, as well as others duly referenced.

Keywords: Horror; Female body; Decoloniality; Latin American literature.

Recebido em: 20 de agosto de 2024.

Aceito em: 3 de dezembro de 2024.